

A BARATA

Kenneth Albernaz

A barata corria pela parede em zigues-zagues, indecisa, estonteada pela luz forte da sala... Estonteada como o homem que a olhava, seguindo seus passos, imaginando-a... Vida simples, curta e sem problemas... Uma semana, duas, comer, fugir de outros bichos, esconder-se, reproduzir-se e depois morrer sem sentir... Nada de complicações. Ninguém abria inquéritos pela morte de uma barata, não se preocupavam em punir o criminoso... Aliás, nem é crime pisar uma barata... É crime matar. Deus castiga, os homens prendem... Que se dane deus, que se danem os homens... Eles gostam de matar... Precisam da morte para viver... Um com o temor dela, outro temendo-a...

Um amigo... Morto, cheio de buracos de bala, sangrando... Cheiro enjoativo daquela coisa vermelha, viscosa, que encharcava a camisa de Anastácio, passava pelo colchão e escorria ao chão... Zoada forte no ouvido, zumbido louco na cabeça... Um, dois, três... Até que não houvessem mais estampidos, até que sua paz morresse por completo... As vistas escuras, o quarto imenso, difícil de cruzar, o banheiro distante... Por fim o alívio. Sensação de se atirar inteiro no vaso, mergulhar naquela imundície e não ver a cara tranqüila do Anastácio todo cheio de buracos e sangue.

Um amigo? Uma conversa, cachaça e cerveja na mesa...

— Então vem morar comigo... Não precisa pagar nada.

Aceitou na hora, sem pensar em nada, com medo de dormir na rua como os bêbados sem nome... Desempregado, ninguém queria dar alunos a um professor boêmio, alcoólatra inveterado, metido a filósofo... Podia corromper a juventude... Ele também já foi juventude um dia e tentaram salvá-lo da corrupção, da subversão... Saber o mundo, ver dentro dos homens... É proibido, como é proibido sentir a fome comer as tripas... O pobre não tem fome, não existem pobres...

— Quero um favor seu... Quero que você me mate.

— Você está brincando comigo.

— Não. É sério. Eu quero que você me mate.

Loucura aquela... Morrera seis vezes por suas próprias mãos... Cada frustração, cada ato de covardia, cada fuga, fora uma morte... Agora teria que ser morto definitivamente, por outra pessoa... Uma que fosse estranha e não tivesse compromissos com ele... Loucura? Por que loucura? Por que ninguém havia pensado a vida desse modo? Porque ninguém via a morte como Anastácio via? De que modo tem de ser? Cada um escolha sua vida, ou sua morte... É o que é justo... As leis não tem nada com isso...

Um grande favor a alguém realmente necessitado... Por que não fazê-lo? Não recebera ele próprio um grande favor? Não estava também necessitado quando aceitou o teto que Anastácio lhe oferecia? Dormir na rua ou ficar cheio de buracos? Que diferença faz?

— Mas tem que ser sete tiros... Todos no coração.

— Eu não sei atirar... Nunca atirei... Não sei se posso... Eu não vou conseguir...

— É fácil... Eu assento na cama, você encosta o revólver em meu peito e vai puxando o dedo, até não sair mais tiro nenhum... O revólver tem sete balas contadas... Nenhuma vai falhar.

Ele pensara em tudo... até no bilhete justificando sua morte... Mas o doutor não gostou da história... Não credi-

tou... O doutor é autoridade, não tem problemas, manda e desmanda... Não precisa se preocupar... Mas agora era ele quem decidia... O bilhete, várias vezes assinado pela letra de Anastácio, para ninguém duvidar de sua intenção... Para ninguém botar a culpa em Olegário...

Duas semanas no quarto, duas semanas de discussões filosóficas para ser convencido... A validade da vida, a validade da morte, a relação, inter-relação de uma e outra... Religião, Código Penal... Moral e Humanismo... Suicida é covarde, vai para o inferno, pecador... Que se danem os pecadores, os infernos, todos, o daqui, o de cima e o de baixo... Que vá para o inferno, o inferno em todos os seus níveis!

— Mate-me, pelo amor de deus!

— Deus não tem nada a ver com isso... Nós não temos nada a ver com ele...

— Então pelo ódio do cão!

— Divino e demoníaco... Tudo uma só idéia... Interpenetrando-se, tornando possível até que dois velhos materialistas, meio esquecidos da ideologia, fudidos de cachaça e frustração discutam deus...

— Então por qualquer coisa... Pelo materialismo... Pelo bem que me quer... Mate-me de uma vez!

— Não é tão fácil assim como você pensa...

— Não? E os massacres históricos? A história é um rosário de assassinatos em massa.

— São históricos... Sem dono nem responsabilidade... Eu sou um indivíduo... Cairão sobre mim, como se eu fosse uma barata.

Cairão sobre todas as baratas que ousar por a cabeça para fora de seu imundo esgoto... Na parede... Arriscando-se a ser esmagada, corria de um lado a outro, fazendo coisas muito suas, uma barata despreocupada nas dependências de uma delegacia... Será crime ser barata? Matá-la não é. No cartório

de uma delegacia, passeia uma barata aos olhos de Olegário Martinho, indiciado em crime de homicídio...

— É crime, Anastácio... De qualquer jeito é crime...

— É a mesma coisa de suicídio, perante a lei... Eles não podem me condenar se eu mesmo puxar o gatilho...

— É outra coisa. Completamente diferente...

— Não é não. Não sou eu que estou pedindo? Em sã consciência quero ser morto... É como se eu puxasse o gatilho.

— É impossível...

... Era impossível... Não é mais... Porque foi feito deixou de ser impossível? No fim, estava vencido, com o revólver na mão, apontando-o para o peito de Anastácio Boaventura, o amigo providencial que o tirara da rua e pusera em sua casa... Em outro momento estava puxando o gatilho, que dócil, deixava-se pressionar, percutir a espoleta... O cano não impedia que as balas saíssem e o ar era permissivo por demais, levando-as na direção exata do coração de Anastácio... Sua carne não opunha barreiras ao chumbo, deixando-se penetrar, esburacando-se, abrindo-se como as pernas das mulheres da rua dos Mineiros, que fervilhava lá embaixo...

Gostaria de um copo d'água, para tirar o gosto azedo da morte, gostaria de uma corrente de ar, para levar o cheiro enjoado do sangue e da pólvora... Gostaria de se ver nas trevas, para não ver o peito de Anastácio...

Deviam tê-lo deixado no banheiro, com a cabeça enfiada no vaso, sem pensar em nada, sem ver a morte, com a zoadá nos ouvidos, abafando o pensamento... Deviam tê-lo deixado no escuro do banheiro, entre a porta e a privada, entre a vida e a morte... Como se nada tivesse acontecido... E na verdade nada aconteceu... Anastácio morreu, mas isto não alterou a ordem das coisas, o mundo continuou mundo, o pobre continuou como estava e o rico está rindo de prazer... Foi uma coisa pessoal, entre ele e o amigo...

Podiam ter sido amigos... Ele não precisava morrer para que fosse amigo de Olegário Martins, um professor secundário, de cor, pobre e sem destino... Olegário Martinho aceitava qualquer coisa... Por mais infame que fosse... E a bem dizer ele não era infame só por que quis morrer... Ninguém podia julgá-lo, nem Olegário Martinho, esse admirador de baratas... Ele escolheu, não escolheu? Exercitou seu direito à liberdade da melhor forma que pôde.

— Mate-me pelo amor de deus!

Ê indecente... Ou decente é esse homem fumar um cigarro atrás do outro manter a boca ocupada? Ou esse outro assoprar-se como um cavalo?... Ê crime... Ou crime seria deixá-lo queimar-se durante anos em seu inferno particular... Ou crime seria torturá-lo com a expectativa da morte...

— De onde Olegário Martinho veio ninguém pedia para ser morto e morria sem querer... Assim foi com o pai, que nem conheceu, depois a mãe... Morreu até o sonho de sair da favela, ser professor e voltar para a favela e ensinar... Ensinar a pedir para morrer... Mas não suportava o cheiro podre da favela, nem sua cara feia, nem ouvir seu lamento fúnebre.

Estudou e começou a vê-la... Encarapitada nos morros, pendurada nos barrancos, esparramando-se pelas baixadas, fedendo, morrendo e renascendo de seu próprio cadáver, que nunca era sepultado... Foi aí que a detestou e não quis mais voltar... Jamais voltou a andar pelo meio de seus becos varados de esgotos, nem quis ouvir as tosses, resmungos e pragas. Nem quis ver seus defuntos esfarrapados, magros, que nem ao menos eram tristes, pois já haviam gastado toda sua tristeza em troca de mais um dia... Nem quis ver suas crianças, pequenos monstros deformados, nem ver os homens, monstros já formados... E no entanto adorava-os de longes... Só não gostava do cheiro de seus corpos... Por isso não voltou... Ou talvez foi por meio de ficar, grudado na lama dos dias chuvosos, ou perdido no labirinto de becos...

A barata voltou a correr cheia de coragem pela parede... Talvez pressentindo que era inútil ter medo dos pés ferrados que a esmagariam... Mas Olegário ouvia a máquina do escrivão, ouvia passos e vozes, arrastar de cadeiras e sentiu uma pesada mão no ombro, comprimindo seus ossos amolecidos de terror:

— Vamos logo, fale. Por que você matou o rapaz? Fala!

— Mate-me, pelo amor de deus!